



NOVAS IDENTIDADES: androginia e a questionamento sobre os gêneros

PISA, Lícia Frezza¹

RESUMO

Este projeto de pesquisa objetiva analisar o sujeito contemporâneo que resiste a uma determinada sexualidade e refletir sobre essa resistência: como é possível constituir a identidade do sujeito andrógino? Nas últimas décadas podemos perceber várias mudanças com relação às diferenças de gênero e sexo, normalidade e anormalidade, assim, o sujeito andrógino emerge e tende a combinar características masculinas e femininas desestabilizando as diferenças de gênero. O projeto se enquadra na área de Comunicação Social e tem como fundamentação teórica as reflexões dos Estudos Culturais liderados por Stuart Hall.

INTRODUÇÃO

A questão da identidade ou da diferenciação ou identificação, propondo que não há identidades prontas, fechadas, enquadradas etc. se faz muito importante na sociedade atual por estar presente no dia a dia, no cotidiano das pessoas. O tema se apresenta em várias áreas, desde investigadores sociais, políticos, artistas até empresários multinacionais, pois devido às crises enfrentadas, principalmente pela globalização, novos estilos de vida, maior interação comunicacional entre os povos, é necessário que se volte para a valoração, para a compreensão dos núcleos de pertencimento, tanto pequenos quanto os mais amplos, para se descobrir quais discursos, quais imagens significam uma determinada identidade, um preconceito ao outro ou a uma diferença cultural (ECHETO, 2013). Descobrir como os indivíduos se

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Passos. Passos/MG - E-mail:

tornam alguém na sociedade, como se colocam, como se identificam, visto que para Echeto (2013) as identidades são produtoras de sentido e emoções.

No dicionário de Estudos Culturais Latinoamericanos² a identidade é “a teoria social que estuda a importância política dos grupos e movimentos sociais que, articulados com as noções de raça, etnicidade, gênero e sexualidade questionam os níveis materiais e simbólicos do status quo, ou seja, da representação no mundo”.

Para Castells (2008, p. 23) a identidade é construída por meio de conteúdos simbólicos em negociações, relações de poder, ou seja,

a construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos, de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço.

Alinhado ao pensamento de identidades sociais e relações simbólicas, a identidade ganha notoriedade na corrente de Estudos Culturais liderada por Stuart Hall (2003), em que propõe pensar a identidade por meio das relações entre o social e o simbólico sem ser reducionista no uso da teoria cultural, ou seja, pensa em deslocamentos da cultura em relação às estruturas sociais de poder que ocorrem por meio de pressões, como guerras de posições, havendo nesse embate constante renovação das novas posições que surgem com novas pressões, não havendo transformação, apenas adequações às novas situações. Para Hall “teorizar significa responder a enigmas e lidar com o impacto de novos movimentos sociais” (2003, p. 13).

Para Echeto, conceituar identidade é complexo, pois os conflitos aparecem no campo teórico e no campo social e o fenômeno identitário é importante tanto para as ciências sociais quanto para a vida social, para o seu funcionamento (2013).

Assim, devemos compreender o que mudou historicamente para fazer com que o fenômeno da identidade despertasse tanto interesse social, pois as velhas identidades que estabilizaram o mundo moderno com um sujeito unificado já não

² SZURMUK, Mónica; McKEE IRWIN, Robert (Eds.). Diccionario de estudios culturales latinoamericanos. México: Siglo XXI, 2009. p. 138-144.

mais sustentam tanta diversidade. As estruturas e os processos sociais que davam referência e ancoragem estável aos indivíduos não mais funcionam.

MATERIAL E MÉTODOS

Esse estudo se baseia em levantamento bibliográfico, num conjunto de pensamentos sobre identidade, interações culturais e sociais intermediadas pela mídia e sobre os movimentos culturais de gênero, compreendendo a importância do movimento feminista para se pensar as questões de gênero.

A presente pesquisa encontra-se em desenvolvimento e revisão de metodologia. Porém, é possível afirmar que este estudo fará um levantamento sobre os materiais que circulam na mídia e que dizem respeito sobre a androginia, compondo assim o *corpus* e a técnica de pesquisa poderá ser análise do discurso ou análise de conteúdo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Compreender a constituição da identidade mostra como certas classificações, certas normalidades, padrões e comportamentos não são fixos, mas por meio dos movimentos sociais, vão modificando a maneira como os sujeitos vão se adaptando às novas possibilidades, tecnologias, economia, mídia e tudo o que alicerça a vida das pessoas. Assim, para compreender a identidade na pós-modernidade é necessário compreender os movimentos culturais, a questão multicultural e a relação entre os elementos de uma vida global, o domínio das ideias, a ideologia, a linguagem, o simbólico, pois a cultura “está perpassada por todas as práticas sociais e constitui a soma do inter-relacionamento das mesmas” (HALL, 2003, p. 136), e, assim, a identidade se apresenta como representação simbólica, como regulamentação e como local de poder cultural (HALL, 2003).

Sabe-se que não se nasce sujeito e, tampouco, as identidades existem de forma independente ou soberana, mas são frutos de um processo histórico, social, cultural e político. Os sujeitos compartilham crenças, valores, padrões cognitivos e linguísticos que remetem a grupos sociais, pois a identidade é a costura de posição e contexto, é um lugar que se assume, mesmo que transitoriamente. Mais especificamente, na contemporaneidade, nota-se que, não coincidentemente, a questão da identidade tem se tornado um tema recorrente.

Uma das possibilidades de se pensar a identidade construída culturalmente, é pelo fato da globalização, dos descentramentos tecnológicos comunicacionais e interacionais. A globalização potencializou e multiplicou as maneiras de se relacionar, de ser e de se expressar e, com esse intercâmbio de experiências e possibilidades, a identidade teve o convite às mudanças. Com a tecnologia, os vários agrupamentos humanos ficaram mais próximos, em contato com todas as partes do mundo, aproximando diversas manifestações culturais que impactam de uma maneira ou de outra a vida cotidiana das pessoas.

Nesse sentido, há uma “crise de identidade” que contesta a maneira das pessoas se constituírem a partir do gênero a que pertencem, e que está ligada ao sexo com que nasceram. O que se questiona, então, é se o sexo biológico é capaz de definir a identidade de gênero, pois se as identidades vão se transformando, as identidades de gênero também podem acompanhar os movimentos de cada época.

Ao longo do tempo o sexo biológico é que definia o nosso gênero, sexualidade, práticas, comportamentos, porém, essa ordem não mais responde a certos anseios sociais. As classificações são tão justas e bem delimitadas que fica difícil compreender alguém que não se enquadre nesse raciocínio do gênero. Não pertencer a nenhum gênero, se sentir indiferenciado é também uma maneira de se constituir a identidade. Atualmente percebemos uma luta pela humanidade dos indivíduos, para que possam ser eles mesmos, sem terem que atender a certos padrões identitários: um novo corpo, uma nova psique, uma nova identidade possibilitada por novos limites ou deslimites.

Como perguntar quando uma criança nasce se é menino ou menina? As possibilidades de se constituir enquanto humano vão além das limitações do sexo do nascimento, pois se a menina quiser ser menino e vice-versa a medicina e a indústria farmacêutica, com suas doses de hormônios, possibilita essa transformação. Mas e se a menina ou o menino quiserem assumir papéis e identidade de gêneros opostos àquela que deveria ser sua? É neste ponto que aparece a **androginia**, questionando as classificações de gênero, o enquadramento dos modos de ser dos sujeitos, visto que a dicotomia masculino/feminino priva os sujeitos de desempenharem múltiplos papéis e criarem a sua própria subjetividade, a sua própria maneira de ser, a sua própria identidade. Esse fenômeno seria uma em resposta a uma sociedade moderna que já foi tão conservadora e que necessitava do sexo como característica central para se enquadrar em uma

categoria que determinaria como as relações deveriam ser, até onde e como se poderia ser; e que agora não suporta mais a falta de liberdade, pois é preciso ser o que se quer, e a diversidade dos gêneros, que é vista como desvio quando não se enquadra na dicotomia masculino/feminino, questiona: o que é ser homem e o que é ser mulher? É possível reiterar a identidade de gênero de uma mulher, por exemplo, pela presença de cromossomos XX, pelos hormônios ou pelo útero? Há espaço, ainda hoje, para identidades fixas?

Essa camisa de força que a classificação dos gêneros delimita serviu para constituir as identidades, visto que o gênero faz parte do sujeito, normaliza as condutas, as práticas, os desejos, porém, uma mudança histórica se apresenta ao revelar várias possibilidades das pessoas se assumirem sem estarem necessariamente enquadradas, como é o caso dos transgêneros, *crossdressers*, gays, andróginos etc. O que importa agora é, mesmo sendo “diferentes”, não serem tratados como tendo que pertencer a uma classificação de gênero. Os andróginos trazem essa concepção quando ou quebram as barreiras dos gêneros ou quando simplesmente se sentem indiferentes a elas e, com isso, percebe-se uma desconfiança daquilo que sempre foi tido como natural e imutável: o sexo. Porém, não há garantias de que a biologia determina o gênero, a sexualidade, as práticas, o desejo etc., por isso, o corpo enquanto identidade, também é algo que se modifica.

CONCLUSÕES

Desse modo, a identidade é um efeito dos acontecimentos da vida cotidiana que se realizam por meio da linguagem, dos dizeres, dos signos, da mídia e o corpo é o suporte da construção da identidade, pois se a sociedade está em constante mudança, o indivíduo também deve estar redefinindo a identidade frequentemente (GIDDENS, 1994). Como hipótese percebemos que as identidades que questionam o binarismo de gênero são vistas como erradas e marginais. Os andróginos quase não aparecem nas mídias tradicionais, podendo ser vistos com mais frequência na internet e, assim, pretendemos comprovar que esse “silenciamento” da androginia é derivado de certo conservadorismo político.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**: economia, sociedade e cultura; v.1. 11. ed. Trad.: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

ECHETO, Víctor Silva. **El conflicto de las identidades**: comunicación e imágenes de la interculturalidad. Barcelona/ES: Institut de la Comunicació, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Trad.: Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

SZURMUK, Mónica; McKEE IRWIN, Robert (Eds.). **Diccionario de estudios culturales latinoamericanos**. México: Siglo XXI, 2009. p. 138-144.